

A História Oculta do Verso Quarenta — Número Vinte e Quatro

Ezequiel Número Cinco

Jeff Pippenger
2026-08-10

Na passagem de Testemunhos, volume cinco, que temos considerado há alguns artigos; somos informados da visão do templo dada a Ezequiel, Isaías e João:

“Estas lições são para nosso proveito. Necessitamos firmar nossa fé em Deus, pois está justamente diante de nós um tempo que porá à prova a alma dos homens. Cristo, no Monte das Oliveiras, descreveu os temíveis juízos que haveriam de preceder Sua segunda vinda: ‘Ouvireis de guerras e de rumores de guerras.’ ‘Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes, pestes e terremotos em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio das dores.’ Embora essas profecias tenham recebido um cumprimento parcial na destruição de Jerusalém, têm uma aplicação mais direta aos últimos dias.”

O Nono de Av

Tisha B’Av, que em hebraico significa “o Nono de Av”, é o dia judaico que comemora a destruição tanto do Primeiro Templo pelos babilônios em 586 a.C. quanto do Segundo Templo por Tito no ano 70. Ambas as destruições ocorreram na mesma data do calendário — o 9º dia do mês hebraico de Av (geralmente caindo em julho ou agosto no calendário gregoriano). Quando a Irmã White relaciona a destruição de Jerusalém ao “tempo que provará a alma dos homens” nos últimos dias, ela está identificando duas destruições que ambas ilustram a iminente lei dominical.

O versículo dezesseis de Daniel onze representa essa lei dominical e está em harmonia com o versículo quarenta e um. Em Ezequiel, a destruição de Jerusalém é usada para ilustrar a separação das virgens prudentes e insensatas na lei dominical. Ezequiel era um cativo em Babilônia quando foi miraculosamente transportado a Jerusalém para contemplar essa mesma separação, nos capítulos oito a onze.

E sucedeu, no sexto ano, no sexto mês, aos cinco dias do mês, estando eu assentado em minha casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim, que ali a mão do Senhor Deus caiu sobre mim. Então olhei, e eis uma semelhança como a aparência de fogo: desde a aparência de seus lombos para baixo, fogo; e desde seus lombos para cima, como a aparência de resplendor, como a cor de âmbar. E estendeu a forma de uma mão, e me tomou por uma madeixa de minha cabeça; e o espírito me levantou entre a terra e o céu, e me trouxe, nas visões de Deus, a Jerusalém, à entrada da porta interior que olha para o norte; onde estava o assento da imagem do ciúme, que provoca ao ciúme. Ezequiel 8:1–3.

Os quatro capítulos de oito a onze são uma descrição da separação, e a irmã White, ao comentar sobre Ezequiel nove, identifica não somente que esse era o mesmo selamento de Apocalipse

capítulo sete, mas também que Jerusalém representa a igreja adventista do sétimo dia laodiceana nos últimos dias.

“A classe que não se sente entristecida por sua própria declinação espiritual, nem lamenta os pecados dos outros, será deixada sem o selo de Deus. O Senhor comissiona os Seus mensageiros, os homens com instrumentos de matança em suas mãos: ‘Passai pela cidade após ele, e feri: não poupe o vosso olho, nem vos compadeçais: matai totalmente velhos e moços, tanto donzelas como crianças e mulheres; mas não vos aproximeis de homem algum sobre quem esteja a marca; e começai pelo Meu santuário. Então começaram pelos homens idosos que estavam diante da casa.’”

“Aqui vemos que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os anciãos, aqueles a quem Deus havia dado grande luz e que haviam permanecido como guardiães dos interesses espirituais do povo, traíram a confiança neles depositada. Assumiram a posição de que não precisamos esperar milagres nem a manifesta demonstração do poder de Deus como nos dias passados. Os tempos mudaram. Essas palavras fortalecem a sua incredulidade, e eles dizem: O Senhor não fará bem, nem fará mal. Ele é misericordioso demais para visitar o Seu povo com juízo. Assim, ‘Paz e segurança’ é o brado de homens que nunca mais erguerão a voz como trombeta para mostrar ao povo de Deus as suas transgressões e à casa de Jacó os seus pecados. Esses cães mudos que não queriam ladrar são os que sentem a justa vingança de um Deus ofendido. Homens, donzelas e criancinhas, todos perecem juntamente.

“As abominações pelas quais os fiéis suspiravam e clamavam eram tudo quanto podia ser discernido por olhos finitos; porém, de longe, os piores pecados, aqueles que provocavam o ciúme do Deus puro e santo, não haviam sido revelados. O grande Esquadrinhador dos corações conhece todo pecado cometido em segredo pelos obreiros da iniquidade. Essas pessoas chegam a sentir-se seguras em seus enganos e, por causa de Sua longanimidade, dizem que o Senhor não vê, e então procedem como se Ele houvesse abandonado a terra. Mas Ele desmascarará a hipocrisia deles e exporá diante de outros aqueles pecados que eles tanto se esforçaram por ocultar.”

“Nenhuma superioridade de posição, dignidade ou sabedoria mundana, nenhuma posição em ofício sagrado, preservará os homens de sacrificarem o princípio quando são deixados a seus próprios corações enganosos. Aqueles que têm sido considerados dignos e justos mostram-se líderes principais na apostasia e exemplos de indiferença e de abuso das misericórdias de Deus. Seu proceder ímpio Ele não tolerará por mais tempo, e, em Sua ira, tratará com eles sem misericórdia.

“É com relutância que o Senhor retira Sua presença daqueles que foram abençoados com grande luz e que sentiram o poder da palavra ao ministrarem a outros. Eles foram, outrora, Seus servos fiéis, favorecidos com Sua presença e direção; mas dEle se apartaram e levaram outros ao erro, e, portanto, são postos sob o desagrado divino.” Testemunhos, volume 5, 211, 212.

Todo o livro de Ezequiel está situado no contexto da destruição de Jerusalém. No testemunho de Ezequiel, o cerco de Nabucodonosor, que durou um ano e meio, é especificamente assinalado, mas a “aplicação mais direta” da advertência de Jesus em Mateus vinte e quatro se dá nos últimos dias. Em Ezequiel, essa linha de verdade se encontra no capítulo vinte e quatro.

15 de janeiro de 588 a.C.

Novamente, no nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês, veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, escreve o nome do dia, deste mesmo dia; o rei de Babilônia pôs-se contra Jerusalém neste mesmo dia. Ezequiel 24:1, 2.

Nesta data, a qual também é estabelecida por outras testemunhas bíblicas, teve início um cerco de dezoito meses. A palavra do Senhor que veio a Ezequiel naquela data consistiu na parábola da cidade sanguinária, ilustrada por uma panela fervente, seguida de um grande fogo. A parábola representa claramente o juízo sobre Jerusalém, e é seguida, no mesmo capítulo, pelo fato de a esposa de Ezequiel ser levada à sepultura por um golpe súbito, como símbolo de que havia começado o cerco que, por fim, destruiria o santuário.

Veio também a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, eis que tiro de ti, com um golpe, o desejo dos teus olhos; contudo, não prantearás, nem chorarás, nem correrão as tuas lágrimas. Suspira em silêncio, não faças luto pelos mortos; ata o teu turbante à cabeça, põe os teus sapatos nos pés, não cubras os lábios, nem comas o pão dos homens. Assim falei ao povo pela manhã; e à tarde morreu minha mulher; e pela manhã fiz como me fora ordenado. Ezequiel 24:15–18.

Então o povo ao redor de Ezequiel perguntou o significado da parábola e da morte de sua esposa.

E o povo me disse: Não nos farás saber o que significam para nós estas coisas que fazes? Então eu lhes respondi: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Fala à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Eis que profanarei o meu santuário, a glória da vossa força, o desejo dos vossos olhos e aquilo de que a vossa alma se compadece; e vossos filhos e vossas filhas, que deixastes, cairão à espada. Ezequiel 24:19–21.

A esposa de Ezequiel e o santuário são ambos identificados na passagem como o “desejo dos teus olhos”. Os historiadores bíblicos identificam que o cerco durou dezoito meses, ao passo que os cercos de Céltio e de Tito duraram quatro anos, desde o ano 66 até o ano 70. Uma contagem exata do tempo desde o primeiro cerco de Céltio até a destruição é de três anos e meio, mas, ao se aplicar a “contagem inclusiva”, que é a forma de cômputo mais frequentemente empregada na Bíblia, são quatro anos. Saber que ambas as contagens são válidas permite-nos ver tanto três anos e meio, de Céltio a Tito, como também quatro anos.

Temos duas testemunhas da lei dominical nas duas destruições de Jerusalém, e os detalhes de ambas as histórias devem ser aplicados à lei dominical que em breve virá — quando Laodiceia for vomitada da boca do Senhor. O início do cerco de Nabucodonosor é assinalado pela morte da esposa de Ezequiel. Por ocasião de sua morte, foi ordenado a Ezequiel que não se lamentasse abertamente, pois ele era o sinal dos judeus sendo levados para o cativeiro.

O início do período de quatro anos, de 66 a 70, é assinalado pelo sinal da abominação da desolação, que foi o sinal para os cristãos em Jerusalém fugirem.

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo, (quem lê, entenda:) então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes. Mateus 24:15,16.

Dois cercos que claramente se alinham um com o outro, e ambos os cercos contêm um “sinal” no início do cerco. Quando Ezequiel explica o que significava a morte de sua esposa e a ausência de lamento de sua parte, ele explicou e então registrou:

Assim Ezequiel vos servirá de sinal; conforme tudo quanto ele fez, assim fareis vós; e, quando isto acontecer, sabereis que eu sou o Senhor Deus. Ezequiel 24:24.

O sinal da morte da esposa de Ezequiel foi uma identificação da iminente destruição de Jerusalém e do templo, e do cativo que se seguiria na Babilônia. O sinal da abominação da desolação, de que falou Daniel, foi um aviso para escapar da destruição, mas ambos os cercos têm um sinal no início.

Haverá um cerco profético antes da iminente lei dominical, e a morte da esposa de Ezequiel é o símbolo de que a igreja adventista do sétimo dia laodiceana foi plenamente preterida; ao passo que Ezequiel é um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, e é o símbolo do estandarte que se levanta no início do cerco. Ezequiel é o estandarte dos cento e quarenta e quatro mil no início do cerco de Babilônia, e o sinal da abominação da desolação, no princípio, é o “sinal” de Roma. Um sinal se refere a uma advertência interna, e o outro, a uma advertência externa. Houve certamente uma advertência aos cristãos no ano 66, mas o sinal de advertência era Roma. O sinal na destruição de Babilônia foi a esposa de Ezequiel. Roma é a classe que recebe a marca da besta, e Ezequiel, o sinal daqueles que recebem o selo de Deus.

Dois Períodos Finais

O primeiro cerco durou dezoito meses, e o segundo cerco durou quatro anos. Ambos os cercos encontram seu cumprimento “mais direto” nos últimos dias, e ambos os cercos estão diretamente ligados à profecia de trezentos e noventa e um anos e quinze dias, localizada em Apocalipse 9:15.

O início dos cinco meses de Apocalipse nove, versículo dez, incluiu uma história que assinala um período de trinta e oito anos, que culmina em um cerco de quatro anos, o qual está associado ao número trinta e oito, e identificou a ascensão do islamismo. Esse cerco de quatro anos encontra seu correspondente na história que começou quando os (cinco meses) cento e cinquenta anos se concluíram e começaram os trezentos e noventa e um anos e quinze dias. Começou em 27 de julho de 1449 e, quatro anos depois, o islamismo impôs um cerco de cinquenta e cinco dias contra Constantinopla, que se concluiu em 29 de maio de 1453.

Quando a profecia de tempo que começou em 27 de julho de 1449 se concluiu em 11 de agosto de 1844, os quatro anos do movimento do primeiro e do segundo anjos, de 1840 a 1844, alinharam-se com o cerco de quatro anos, de 1333 a 1337, e também com o período de quatro anos, de 1449 a

1453. Essas três testemunhas, que fazem todas diretamente parte da mesma linha profética, representam um período simbólico de quatro anos em que o movimento do primeiro e do segundo anjos, de 1840 a 1844, se repete na história do movimento do terceiro anjo. Essas três testemunhas tipificam um cerco de quatro anos na história dos cento e quarenta e quatro mil. Esse período de quatro anos também é ilustrado pelos cercos de Jerusalém em 66 e 70.

O início do cerco de quatro anos por Céstio, em 66, e depois o seu término por Tito, em 70, produzem um símbolo alfa e um símbolo ômega para um período de quatro anos. Esse mesmo período também é representado como três anos e meio, o que, por sua vez, se harmoniza com os três anos e meio proféticos em que Roma papal pisoteou o santuário.

Mas deixa de fora o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e eles calcarão aos pés a cidade santa por quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Apocalipse 11: 2, 3.

E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. Lucas 21:24.

É essencial observar que estou empregando tanto a contagem “inclusiva” quanto a “exclusiva” ao período representado pelo símbolo alfa de Céstio até o símbolo ômega de Tito. Isso identifica que duas aplicações de tempo são representadas por uma única história. Já tratamos desse princípio bíblico quando consideramos (muitos artigos atrás) o tempo entre a visita de Jesus a Cesareia de Filipe (Pânio) e Sua ida ao Monte da Transfiguração. Dois autores bíblicos registram seis dias, e um, oito dias.

E seis dias depois, Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os leva em particular a um alto monte. Mateus 17:1.

E, seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou, sós, à parte, a um alto monte; e transfigurou-se diante deles. Marcos 9:2.

E aconteceu, cerca de oito dias depois destas palavras, que ele tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu ao monte para orar. Lucas 9:28.

A destruição de Jerusalém tem uma aplicação “mais direta” aos últimos dias, e essa destruição é apresentada por duas testemunhas, representadas por Babilônia e Roma. As duas testemunhas se harmonizam entre si, mas fornecem características proféticas diferentes e essenciais, a fim de ampliar a verdade. O cerco por Roma (66 a 70) durou quatro anos, o que também representa três anos e meio. Os três anos e meio se vinculam ao pisoteamento do santuário e do exército, efetuado tanto pelo paganismo quanto pelo papado. O pisoteamento pelo papado foi por três anos e meio simbólicos, conforme prefigurado por três anos e meio literais no cerco por Roma.

Esse cerco de quatro anos também se relaciona com os períodos de quatro anos associados à linha profética que identifica a exaltação do Islã e, depois disso, a exaltação do movimento do primeiro e do segundo e, em seguida, do terceiro anjos. De Céstio a Tito cruza-se com a roda da Roma papal e também com a roda do Islã. A roda de Roma e os três anos e meio de Céstio e Tito cruzam-se com

os três anos e meio simbólicos da Roma papal, identificando assim as duas entidades da Roma pagã e da Roma papal. A roda do Islã está ligada pela mesma história, entendida como quatro anos, mas, assim como ocorre com a roda de Roma nessa história, o Islã está associado a um segundo poder sujeito à roda do Islã — sendo este o Adventismo. O período de três anos e meio representa Roma em ambas as suas fases, e o período de quatro anos representa o Islã e o Adventismo. A Roma pagã e a Roma papal não podem ser separadas profeticamente, e tampouco o podem o Islã e o Adventismo.

Isto exige, profeticamente, que, ao considerarmos o cerco de Babilônia, se reconheçam, na ilustração do cerco de dezoito meses, dois entendimentos de tempo. Duas representações de tempo no cerco trazido por Roma exigem, profeticamente, duas representações de tempo no cerco trazido por Nabucodonosor. O cerco de dezoito meses de Nabucodonosor também pode ser entendido como um símbolo de um ano e meio. Dezoito meses são um ano e meio, e um ano e meio pode ser expresso como 1,5 anos. O cerco de Nabucodonosor foi tanto de dezoito meses quanto de um ponto cinco (1,5) anos.

Os dezoito meses se referem ao poder que pisaria Jerusalém, e os 1,5 anos se referem ao islamismo. A roda profética de contagem que identifica dezoito meses identifica Babilônia, e a outra roda profética de contagem identifica o islamismo. Ainda não apresentamos uma explicação de como chegamos à aplicação dos 1,5 anos em conexão com o islamismo, mas deve-se notar que as duas contagens de tempo na destruição trazida por Roma estão ligadas à roda profética de Roma, (tanto pagã quanto papal), e a outra contagem está ligada à roda profética do islamismo. Essas características se encontram tanto na destruição alfa quanto na ômega de Jerusalém.

O cerco de quatro anos a Jerusalém por Céstio e Tito representa o encerramento de uma linha profética que começou com um período de trinta e oito anos, o qual se concluiu com um cerco de quatro anos, simbolizando a exaltação do islamismo; e o período final de quatro anos nessa mesma linha representa o levantamento do estandarte dos cento e quarenta e quatro mil.

Continuaremos estas coisas no próximo artigo.